

EDITORIAL

DOENÇAS NEGLIGENCIADAS: UM PROBLEMA SOCIOECONÔMICO

Josué de Moraes¹

1. Bioquímico e Sanitarista. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Doenças Negligenciadas e Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Mestrado/Doutorado, da Universidade Guarulhos

O termo “doenças tropicais negligenciadas”, ou simplesmente “doenças negligenciadas”, é utilizado para se referir a um conjunto de doenças causadas por agentes infecciosos e parasitários (vírus, bactérias, protozoários e helmintos) que afeta predominantemente as populações de baixa renda, sem condições adequadas de moradia, de trabalho, de educação e de serviços sanitários. Também conhecidas como “doenças da pobreza”, essas enfermidades acometem mais de 1 bilhão de pessoas no mundo e são responsáveis por milhares de mortes anualmente em um universo de 149 países. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 17 doenças são consideradas negligenciadas, a maioria parasitária⁽¹⁾. Na lista estão importantes doenças causadas por helmintos, tais como, equinococose, esquistossomose, filariose linfática, geo-helmintíases (ascaridiose, tricurose e ancilostomose), oncocercose, teníase e cisticercose e as trematoidoses; e as protozooses doença de Chagas e as leishmanioses. Dracunculose e tripanossomíase africana (doença do sono), que são causadas, respectivamente, por helminto e protozoário, fazem parte do grupo das doenças da pobreza, mas não são endêmicas no Brasil. As doenças bacterianas hanseníase, sífilis e tracoma, e as virais dengue e Chikungunya e raiva completam a relação das doenças negligenciadas.

As doenças negligenciadas não só prevalecem em condições de pobreza, mas também representam forte entrave ao desenvolvimento dos países e são determinantes na manutenção do quadro de desigualdade. Com pouco financiamento para pesquisas, o conhecimento produzido não se reverte em avanços para o desenvolvimento e ampliação de acesso a novos fármacos, métodos diagnósticos, vacinas ou outras tecnologias⁽²⁾. Uma das razões para esse quadro é o baixo interesse da indústria farmacêutica, justificado pelo reduzido potencial de retorno lucrativo para a indústria, uma vez que a população atingida é de baixa renda. Com baixo poder aquisitivo e sem influência política, os cidadãos mais pobres não conseguem gerar o retorno financeiro exigido pela maior parte das empresas voltadas ao lucro. Da mesma forma, as vítimas de doenças negligenciadas são aquelas que não têm representatividade política autêntica ou conscientização para reclamações, razão pela qual são sistematicamente negligenciadas pelos poderes constituídos e representativos das classes exclusivamente dominantes.

Em 2015, cerca de 1 bilhão de pessoas receberam tratamento farmacológico preventivo para pelo menos uma doença negligenciada⁽³⁾. A estimativa para 2017 é ampliar a terapia para 1,5 bilhão de pessoas⁽⁴⁾. Não obstante a ampla cobertura populacional, algumas doenças negligenciadas dispõem de apenas um fármaco cujo cenário é preocupante no que concerne à resistência ou tolerância medicamentosa.

Ante o cenário exposto, recentemente o relatório da OMS⁽⁵⁾ que dispõe sobre “investir para superar o impacto das doenças negligenciadas” destaca algumas ações necessárias para diminuir o número de tratamentos e promover a redução e eliminação dessas doenças, como o acesso universal ao setor de saúde

e investimentos em água e saneamento. No documento, a OMS pede investimentos para os países afetados por doenças negligenciadas, cuja ação pode beneficiar diretamente a saúde e o bem-estar das pessoas. Espera-se, por conseguinte, que os avanços no desenvolvimento da pesquisa, da produção científica e de políticas públicas possam agora traduzir em progresso e redução das doenças da pobreza.

É cediço que o aumento do investimento pode tirar muitas pessoas da pobreza. Além da diminuição de gastos no setor de saúde, a erradicação das doenças negligenciadas ou sua detecção precoce permitiria às crianças permanecerem mais tempo na escola e aos adultos terem mais produtividade no trabalho, incentivando um crescimento da economia como um todo. O investimento em doenças negligenciadas pode salvar vidas, prevenir deficiências, acabar com o sofrimento e melhorar a produtividade. Contudo, sem a participação da sociedade, do governo, das instituições não governamentais e empresas privadas, doenças continuarão negligenciadas e milhões de pessoas permanecerão mórbidas e esquecidas. É na esteira da pobreza, do desequilíbrio social, da fragilidade educacional e da falta de saneamento básico que as doenças negligenciadas encontram um campo fértil.

Referências

- 1) World Health Organization. Neglected tropical diseases. Disponível em: <http://www.who.int/neglected_diseases/diseases/en/>. Acesso em 21 out. 2016.
- 2) Pedrique B, Strub-Wourgaft N, Some C, Oliaro P, Trouiller P, Ford N, Pécoul B, Bradol JH. The drug and vaccine landscape for neglected diseases (2000-11): a systematic assessment. *Lancet Glob Health*. 2013; 1(6):e371-9.
- 3) World Health Organization. Neglected tropical diseases: unprecedented 979 million people treated in 2015 alone. Disponível em <http://www.who.int/neglected_diseases/news/unprecedented_979_million_people_treated_in_2015_alone/en/> Acesso em 21 out. 2016.
- 4) World Health Organization. WHO urges governments to increase investment to tackle neglected tropical diseases. Disponível em < <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2015/neglected-tropical-diseases/en/>> Acesso em 21 out. 2016.
- 5) World Health Organization. Investing to overcome the global impact of neglected tropical diseases: Third WHO report on neglected tropical diseases. Geneva: World Health Organization, 2015, 191 p. Disponível em <http://www.who.int/neglected_diseases/9789241564861/en/> Acesso em 21 out. 2016.